



## O IMAGINÁRIO SOBRE A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: O OLHAR DE INTERCAMBISTAS HISPANOFALANTES

Grazielle da Silva dos Santos<sup>1</sup>

### Introdução

A cada semestre, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) recebe alunos intercambistas, advindos de vários países latinoamericanos, por meio de convênios como: AUGM, BRAMEX, UTALCA, etc. Buscando atender às necessidades desses alunos é que se criou, no Laboratório Entrelínguas – vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFSM –, o curso de Português Língua Estrangeira. As aulas são ministradas por alunos do curso de Letras da UFSM, com a orientação e acompanhamento dos professores pesquisadores, e têm o objetivo de inserir esse estudante no novo contexto social através de uma prática de ensino de língua portuguesa voltada para a interculturalidade.

De acordo com o amadurecimento das experiências de ensino-aprendizagem nos cursos de PLE do Laboratório Entrelínguas, ao longo dos anos, percebeu-se que o vislumbamento do imaginário desses pode se revelar como potencializador do processo de ensino-aprendizagem.

Por esta razão, o presente trabalho busca identificar, partindo dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD), as tomadas de posição dos sujeitos intercambistas hispanofalantes que participam atualmente do curso de PLE oferecido pelo Laboratório Entrelínguas. Neste sentido, propõe-se um olhar a partir do funcionamento do imaginário desses sujeitos nas suas relações com a aprendizagem de língua estrangeira (LE).

Assim sendo, algumas noções tornam-se muito caras a este estudo. De acordo com Orlandi (1999), a Análise de Discurso (AD) vai constituir-se como um lugar teórico propício ao estudo a partir de três grandes áreas do conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo, pois somente a reunião dessas consegue contemplar a significação de seu objeto, o discurso. Ainda conforme a mesma autora, a Análise de Discurso

Concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 1999, p. 15)

Dessa forma, o entendimento do que é o discurso ultrapassa a questão da mera transmissão de mensagem entre locutores. Discurso, segundo Pêcheux (1997, p. 82), é efeito de sentidos entre locutores, pois constantemente a posição-sujeito é redefinida, nas práticas sociais, pelas condições de produção do discurso que, por sua vez, de acordo com Pêcheux e Fuchs (1997, p. 170 e 171), compreendem o sujeito, a situação e o imaginário – imaginário este que Orlandi (1999, p. 30) entende como contexto sócio-histórico e ideológico.

---

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado em Letras, na área de Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Sendo assim, na AD, entende-se o interlocutor como sujeito, pois, conforme seu fundador, Michel Pêcheux, “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 167), não existindo, dessa forma, discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Neste sentido, o sujeito sempre se inscreve em uma ideologia, funcionando, dessa forma, não os lugares empíricos desse sujeito, mas suas posições no discurso. Mas, como identificar essa ideologia? Pêcheux e Fuchs afirmam que

É impossível identificar ideologia e discurso [...], mas que se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas [...] comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166)

Ou seja, a ideologia se revela através de sua materialidade ideológica que, por sua vez, se materializa nas formações discursivas (FDs). Logo, as FDs, como afirmado acima, determinam o que pode e deve ser dito de acordo com as posições e as condições de produção dadas. Segundo Orlandi (1999, p. 43 e 44), duas observações se fazem necessárias em relação às FDs: a) os sentidos derivam das formações discursivas que as palavras se inscrevem; b) é pela identificação da FD que se pode compreender os diferentes sentidos. E, por isso a noção de formação discursiva é tão importante ao presente trabalho, pois o imaginário é constituído de sentidos produzidos historicamente pelos sujeitos.

Com isso, é fundamental compreender o conceito de *formações imaginárias* (ORLANDI, 1999), o qual norteia o presente estudo. Orlandi (1999, p. 39 e 40) afirma que as formações imaginárias são constituídas pela relação de sentidos, antecipação e relação de forças. Ou seja, todo discurso obrigatoriamente se relaciona com outros (relação de sentidos), sendo assim regulado pela capacidade de experimentação do sujeito no lugar de seu interlocutor (antecipação) e pela noção de que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (relação de forças) (ORLANDI, 1999, p. 39). Neste sentido, o que funciona no discurso são as imagens projetadas a partir das posições do sujeito no discurso.

Dessa forma, é possível concluir que todo processo discursivo se dá a partir das imagens construídas discursivamente. Sendo assim, a análise aqui proposta deverá levar em conta, primeiramente, a posição desse sujeito que, neste caso, é a de um estudante estrangeiro e que está enunciando a partir de uma posição de aluno de língua estrangeira; portanto, o que se espera é um discurso de um aprendiz de língua estrangeira, que percebe, desde a sua, qualquer outra língua como estrangeira. E é aí que reside o ponto de partida do processo analítico em questão.



## Construindo a superfície linguística

Para a realização da análise utilizou-se como corpus as produções escritas dos treze (13) alunos hispanofalantes intercambistas participantes do curso de Português Língua Estrangeira oferecido pelo Laboratório Entrelínguas. Tais produções foram motivadas através da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), advinda da Psicanálise. Segundo Jorge (2007), a técnica de associações livres constitui parte do método psicanalítico desenvolvido por Freud como uma espécie de ponte de acesso ao inconsciente. De acordo com a mesma autora,

A regra técnica da associação livre tem por objetivo fazer com que o paciente fale tudo o que atravessar a sua mente, com ou sem sentido, qualquer conteúdo, mesmo que de natureza constrangedora. Tornou-se um princípio básico do método investigativo freudiano, que aplicaria de maneira sistemática o procedimento técnico da livre associação, desde o início de cada tratamento e durante todas as sessões, sem exceção à regra. Utilizada como termo técnico, a associação livre define o modo de pensar incentivado no(a) paciente pela recomendação do(a) analista. Assim, Freud estabeleceu uma das maneiras como o(a) paciente deveria se comunicar, como também definiu a forma como o(a) analista deveria conduzir a sua escuta, através da atenção flutuante. Estas são regras técnicas presentes no método freudiano que visam alcançar o objeto de estudo da psicanálise. (JORGE, 2007, p. 18)

Porém, vale ressaltar que a TALP, neste trabalho, foi utilizada tão somente como dispositivo motivador de produção escrita, não interessando à presente análise seu teor e rigor metodológicos aplicados na área psicanalítica.

Como o objetivo do trabalho está voltada para análise do imaginário da aprendizagem de língua estrangeira desses estudantes, primeiramente foi lançada, pela instrutora do curso de PLE, a palavra-chave LÍNGUA ESTRANGEIRA. A partir disso, foi solicitado aos alunos que registrassem as cinco primeiras palavras que lhes viessem à cabeça e que estivessem relacionadas à referida palavra-chave. Após a primeira etapa, os participantes foram orientados a eliminarem, por ordem de importância, as quatro palavras que consideravam, dentre as cinco que haviam registrado, menos importantes em relação à palavra-chave. Com isso, restaria a palavra mais importante e, conseqüentemente, a que mais possuiria relação com LÍNGUA ESTRANGEIRA.

Passadas as duas primeiras fases de aplicação da técnica, a fim de provocar a produção escrita desses alunos, lhes foi lançada a seguinte pergunta: *o que significa, para você, aprender uma língua estrangeira?* Os estudantes foram orientados, então, a escreverem sobre o que consideram a respeito da aprendizagem de língua estrangeira relacionando com o conceito restante da enumeração das cinco palavras. E são esses textos que serviram à análise proposta. Definida a materialidade linguística da análise, se faz necessário organizar o trabalho analítico.

## Da análise

Treze alunos participaram da dinâmica TALP, porém somente três (3) textos foram selecionados para análise proposta, pois chamou atenção, ao contrário do que mostram outros estudos, não a(s) regularidade(s), mas a diversidade identificada no funcionamento desses discursos.

A fim de organizar o processo analítico, buscar-se-á proceder segundo as orientações procedimentais difundidas por Orlandi (1999): a superação da superfície linguística e o alcance do objeto e do processo discursivos.

Assim, a primeira etapa implica apresentar a materialidade lingüística com a finalidade de viabilizar o conhecimento empírico dos textos que serão analisados. Dessa forma, seguem abaixo as transcrições – fiéis às escrituras de cada sujeito, lembrando que estes estão em processo de aprendizagem do português como língua estrangeira – das três (3) sequências discursivas (SDs) que compõem o referido corpus:

SD 1: *Eu acho que aprender uma língua estrangeira é ter liberdade pra dizer o que quiser em qualquer momento e lugar. E a possibilidade de falar o que a gente siente e piensa onde seja, como si estivesimos cada um em sua casa.*

SD 2: *A comunicação é uma das ferramentas mais importante que tem o ser humano, então, quando alguém tem a possibilidade de conhecer culturas novas, compartilhar com gente em um contexto diferente, se faz necessário e fundamental, o aprendizado do linguagem que utiliza o entorno novo, de maneira a compreender a maior quantidade de detalhes possíveis sob a nova cultura que tá sendo conhecida.*

SD 3: *Aprender una lengua extranjera es muy importante para poder comunicarse con el resto del mundo. Yo estoy estudiando química, y por ejemplo para los investigadores es imprescindible saber leer y escribir en inglés para poder realizar búsquedas de trabajos anteriores y publicar los propios, así la información se encuentra al alcance de todos y colaboramos entre todos. Además es importante conocer otras lenguas para poder viajar fuera del país, si bien no conociendo la lengua extranjera te podés manejar haciendo gestos y esas cosas, demorás mucho más tiempo y podés perderte cierta información.*

Orlandi explica que, nessa fase inicial, o analista começa a “vislumbrar a configuração das formações discursivas que estão dominando a prática discursiva em questão” (ORLANDI, 1999, p.78). De acordo com a mesma autora, as formações discursivas se configuram como regionalizações do interdiscurso, permitindo, dessa forma, compreender o processo de produção dos sentidos, estabelecer regularidades no funcionamento do discurso e determinar o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 1999, p. 43). Dessa forma, o próximo passo requer a explicitação das FDs dominantes identificadas nas SDs supracitadas:

FD 1: FD na qual inscrevem-se sujeitos que buscam, na aprendizagem da língua estrangeira, liberdade de expressão na e pela língua.

FD 2: FD na qual inscrevem-se sujeitos que concebem a aprendizagem de língua estrangeira como fundamental para a necessidade de comunicação e de apreensão da cultura do outro.

FD 3: FD na qual inscrevem-se sujeitos que desejam ter acesso à informação.

Apreendido o objeto discursivo, movimenta-se a segunda etapa da análise relacionando as formações discursivas distintas com a formação ideológica que rege essas relações. Como, neste caso, encontrou-se uma FD dominante para cada SD, a interpretação se constituirá no olhar sobre o funcionamento dessas relações no interior de cada formação discursiva.

O que se torna sobressalente na análise – sendo este o aspecto norteador do processo interpretativo – é que em todas as FDs acima explicitadas identifica-se, para cada uma delas, uma concepção de língua distinta uma da outra.

Na *FD 1*, o sujeito se relaciona com a aprendizagem dessa língua outra a partir de um desejo de conseguir expressar-se tão bem quanto se expressa em sua *língua materna*<sup>2</sup>.

Já, na *FD 2*, revela-se uma concepção de língua enquanto instrumento de comunicação e conhecimento da cultura do outro, sendo a aprendizagem da língua percebida como necessariamente intercultural.

Por outro lado, na *FD 3*, a língua é concebida como informação. A aprendizagem é compreendida como meio pelo qual o sujeito se instrumentaliza para a recepção dessa outra língua (informação).

O que se percebe nesses discursos, é o desvelamento de um imaginário de que a aprendizagem de uma língua estrangeira está diretamente interligada à maneira como o sujeito se coloca diante da língua do outro desde a sua própria língua (a materna). Possivelmente, isso também esteja revelando a forma como esses sujeitos se relacionam com a sua própria língua.

Por outro lado, o que a materialidade discursiva apresenta é uma diversidade dentro de uma regularidade. Conforme já foi apontado no decorrer da análise, a aprendizagem de LE está relacionada à concepção de língua de cada aluno, e isso se constitui como uma regularidade nas FDs explicitadas. Entretanto, a diversidade está presente na forma como cada estudante percebe a língua do outro, nas suas variadas concepções.

Mas, pode-se ir mais além na interpretação. Concluindo que cada sujeito comporta uma concepção distinta de língua, pode-se inferir que o imaginário sobre a aprendizagem de língua estrangeira está permeado por crenças acerca da homogeneidade, ou não, da língua que se aprende. Tomando e fazendo funcionar as noções de língua fluida e língua imaginária difundidas por Orlandi (2005), consegue-se compreender que língua é essa que o sujeito busca aprender. Mas, antes, é importante entender tais conceitos. Segundo a autora,

Embora no início do século XIX muito se tenha falado da língua brasileira, como a Constituição não foi votada, mas outorgada por D. Pedro, em 1823, decidiu-se que a língua que falamos é a língua portuguesa. Os efeitos desse jogo político, que nos acompanha desde a aurora do Brasil, nos faz oscilar sempre entre uma língua outorgada, legado de Portugal, intocável, e uma língua nossa, que falamos em

---

<sup>2</sup> Para *língua materna*, toma-se a definição de Guimarães (2005): “é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como primeira para seus falantes”.



nosso dia-a-dia, a língua brasileira. É assim que distingo entre língua fluida (o brasileiro) e a língua imaginária (o português), cuja tensão não pára de produzir os seus efeitos. (ORLANDI, 2005, pág. 29)

Assim, pode-se dizer que a definição de língua imaginária se aproxima de um imaginário de homogeneidade de uma língua. Após o esclarecimento dos conceitos de língua fluida e de língua imaginária, resta uma análise atenta para cada FD.

Na *FD 1*, o imaginário identificado permite inferir que a aprendizagem de uma língua estrangeira está diretamente relacionada a apreensão da língua fluida, pois o sujeito deseja expressar-se livremente, assim como o faz em sua língua materna, buscando, dessa forma, uma relação identitária com essa língua outra.

O mesmo ocorre na *FD 2*, pois, sendo a aprendizagem da LE percebida como necessariamente intercultural, o sentido da língua se constitui na relação de apreensão da língua fluida, do cotidiano, pois somente esta lhe dará acesso à cultura do outro.

Já, na *FD 3*, a interpretação revelou um imaginário de aprendizagem de língua estrangeira como instrumento de acesso à informação. Neste sentido, a língua imaginária é objetivada por esse sujeito, pois é a que se encontra difundida nos veículos informacionais.

Enfim, é possível perceber que nesse imaginário as próprias concepções de língua revelam muito mais que isso. Mostram o que o sujeito, de fato, busca na aprendizagem de uma LE.

### **Considerações finais**

Conforme ensina Orlandi (1999), assim como o discurso também uma análise nunca é igual à outra. Inexiste o óbvio, a transparência dos sentidos. Cada gesto de interpretação possibilita um olhar outro, uma (re)significação. E esse foi o propósito deste trabalho.

Dessa forma, esse inicial encaminhamento final – nada conclusivo, mas reflexivo da prática analítica –, explica o que, de fato, tal análise representou para a analista. O processo de ensino-aprendizagem do PLE, em sala de aula, como mencionado ao início do trabalho, já apontava para a importância da compreensão do imaginário dos alunos intercambistas participantes desse curso, pois se percebia tal aspecto como possível potencializador do aprendizado. Porém, superou as expectativas, pois, na movimentação da análise, foi possível, inclusive, compreender o motivo de algumas situações que ocorriam em aula, como por exemplo, a forte preocupação dos estudantes em relação à não aprendizagem explícita de verbos, etc.; pois, de acordo com o estudo, foi possível identificar que a forma como esses sujeitos se relacionam com a aprendizagem da língua está diretamente ligada à concepção de língua que os constituem. Durante a análise, várias vezes as lembranças desses fatos, entre outros tantos, se apresentavam; e foi a partir da análise que muitas questões foram compreendidas.

É importante ressaltar que não se buscou fazer juízo de valor. Nenhuma das concepções de língua estão “erradas” ou “certas”, “adequadas” ou “inadequadas”. Apenas, acredita-se que essa



análise possibilitará vislumbrar as implicações do imaginário desse sujeito frente à aprendizagem de uma LE, permitindo, inclusive, pensar um ensino que objetive mediar tais implicações.

Enfim, o trabalho analítico mostrou que nesse imaginário habitam muitas concepções, ideologias, desejos. Revelou a importância de olhar para cada discurso como único, pois os sujeitos são singulares em sua constituição sócio-histórica. Assim, entende-se que a aprendizagem se dá na busca – nem sempre consciente, por isso a importância da análise discursiva – e o ensino, no incessante esforço de compreender tal busca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, E. R. J. *Apresentação: Brasil País Multilíngue*. Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, v. 57, n.2, p. 22-23, 2005. Disponível em: < [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200014&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200014&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 jul. 2013.

JORGE, J. D. *A Construção da Associação Livre na Obra de Freud*. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Língua Brasileira*. Revista Ciência e Cultura, Jun 2005, vol.57, no.2, p.29-30. ISSN 0009-6725. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a16v57n2.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.